

A REPROVAÇÃO NA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO¹: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DA AVALIAÇÃO INCLUSIVA.

REPROVING IN THE FIRST GRADE OF HIGH SCHOOL: A LOOK UNDER THE PERSPECTIVE OF INCLUSIVE EVALUATION.

NOGARO, Arnaldo²

ZANIN, Osméri Toniazzo³

RESUMO

O texto proposto resulta de uma investigação junto a uma escola estadual a respeito da reprovação no primeiro ano do Ensino Médio. Na escola estudada, percebe-se que na 1ª série do Ensino Médio, ingressa um grande número de alunos oriundos de diferentes escolas da Região. Ao iniciarem o Ensino Médio, os alunos deparam-se com vários professores, onde cada um administra o seu conteúdo, tendo pouca integração com os demais. A situação vivida por estes alunos constitui um quadro que resulta na reprovação de um grande percentual deles. O caso desta escola é um exemplo, dentre muitos, que são encontrados hoje em outros espaços do Sistema Educacional, sendo um alerta para o problema da avaliação que é grave e tem raízes profundas. Não é um problema de uma matéria, série, curso, escola, é de todo o Sistema Educacional que está inserido num Sistema Social que impõe valores como o individualismo, a competição, a alienação, a marginalização; valores estes incorporados em práticas sociais e cujos resultados aparecem em sala de aula, uma vez que funcionam como filtros de reinterpretação do sentido da educação e da avaliação. A avaliação é essencial à educação; inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação. A avaliação inclusiva percebe a heterogeneidade como possibilidade de enriquecimento do grupo e possibilita um ambiente escolar propício ao saber e ao conhecimento, dando oportunidades amplas de evolução das competências de cada aluno e objetivando sua percepção como ser humano histórico e inserção no contexto social.

Palavras-chave: Avaliação. Escola. Reprovação.

ABSTRACT

This text is a result of an investigation in a public state school concerning reprovig in the first grade of high school. In the school under study, one can notice that in the first grade a lot of students come from different schools of the region. When these students start high school, they meet several teachers, and each teacher teaches his/her subject and integrating very little

¹ Este artigo resultou de uma trabalho monográfico desenvolvido na Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Educacional, da URI –Campus de Erechim. Foi produzido a partir de um estudo de caso sobre a realidade de uma escola estadual de Ensino Médio pertencente à 15ª CRE-RS. O objetivo do estudo foi analisar as causas e os intervenientes na reprovação dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, e também procurar evidenciar que prática da reprovação na escola precisa ser repensada no âmbito da busca de uma educação de qualidade com uma avaliação que inclua e que faça crescer o aluno. Este artigo foi publicado na revista **Perspectiva**, v. 29, nº 107, setembro/2005.

² Doutor em Educação – UFRGS. Professor da URI – Campus de Erechim. E-mail: narnaldo@uri.com.br

³ Pedagoga. Especialista em Gestão e Planejamento Educacional/URI- Campus de Erechim.

with the others. This situation leads to a high level of reprovando in this grade. This school is an example, among many others, found nowadays in the Educational System, being an alert for the problem of evaluation, which is serious and has deep roots. It is not a problem of a specific discipline, a grade, a course, or a school, but a problem that should concern the whole educational system, which is inserted in a social system that imposes values such as individualism, competition, alienation, marginalization; values that are incorporated in social practices and whose results show up in the classroom, since they work as filters of reinterpreting the sense of education and evaluation. Evaluation is essential for education, inherent and indissoluble while conceived as a problem, questioning, and reflection about the action. Inclusive evaluation sees heterogeneity as a possibility of enrichment of the group and allows a school environment propitious to learning and knowledge, providing broad opportunities for the evaluation of competences of each student and aiming the student's perception as a historical human being and insertion in the social context.

Key-words: Evaluation. School. Reproving.

Introdução

A avaliação é sempre acompanhada de dúvidas, incertezas e, muitas vezes, incoerências. No entanto, constitui-se no processo crucial para a vida de quem está sendo avaliado. Nossa sociedade reserva às instituições escolares o poder de conferir notas e certificados que, supostamente, atestam o conhecimento ou a capacidade do indivíduo, o que torna imensa a responsabilidade de quem avalia.

A escola objeto da pesquisa vem construindo, juntamente com a comunidade escolar, alguns avanços significativos através de uma nova concepção de educação, de homem, de sociedade, de currículo e de conhecimento. Percebe-se que na 1ª série do Ensino Médio, a escola recebe um grande número de alunos oriundos de várias outras escolas de Ensino Fundamental, pois é a única do município que tem Ensino Médio.

Ao iniciar a nova etapa, os alunos deparam-se com vários professores, onde cada um administra o seu conteúdo, isto é, a sua matéria, tendo pouca integração com os demais. Com essa atitude os alunos sentem-se um tanto que perdidos, incorrendo na indisciplina, ocorrendo a desordem, a desorganização, a falta de estudo, o desinteresse e, conseqüentemente, a reprovação.

Por isso há a necessidade de pensar um projeto de escola que venha atender às reais necessidades dos alunos, pois o jovem e o adolescente, normalmente nesse período de sua vida, mais ou menos na faixa etária dos 13 a 15 anos, está “descobrendo o mundo” e partindo em busca de seus objetivos de vida. Nessa época, muitas são as mudanças que ocorrem com esses futuros adultos. A parte psicológica, o desenvolvimento físico, a necessidade da descoberta do Eu, a busca de confiança, orientação e a vontade de experienciar tudo, para

saber e ver do que é capaz; tais atitudes o leva-os a realizar muitas ações, muitas vezes desaconselháveis para quem quer obter êxito nos estudos..

Daí a necessidade, que neste período de transição, o professor dê maior atenção a este jovem. Com os novos projetos políticos-pedagógicos, algumas mudanças ocorreram, mas ainda precisa de muitas outras. Dentro deste processo de permanente questionamento em torno da educação, sem dúvida a avaliação é um dos temas que mais sugere preocupação, debate e problematização. É importante ainda refletir continuamente sobre a ação pedagógica exercida pelo professor tendo em vista os objetivos que se pretende atingir.

O objetivo principal deste estudo foi a necessidade investigar as causas da reprovação na 1ª série do Ensino Médio. Por meio da pesquisa pretendeu-se verificar quais os principais fatores de reprovação, reunindo informações básicas que caracterizam o atual processo desenvolvido naquela instituição escolar e sua correlação com a concepção inclusiva de educação, currículo, avaliação e conhecimento.

Contextualizando o ambiente escolar

A situação vivida hoje no sistema escolar em termos de avaliação é muito problemática e tem raízes profundas. Não é um problema de uma matéria, série, curso, escola, é de todo o Sistema Educacional que está inserido num Sistema Social que predominam valores como o individualismo, a competição, a alienação, a marginalização; valores estes incorporados em práticas sociais e cujos resultados aparecem em sala de aula, uma vez que funcionam como filtros de reinterpretação do sentido da educação e da avaliação.

Como o índice da reprovação da 1ª série do Ensino Médio é muito alto⁴, entende-se que a prática da reprovação na escola precisa ser repensada no âmbito da busca de uma educação de qualidade com uma avaliação que inclua e que faça crescer o aluno. Este é o objetivo maior deste trabalho.

A escola estudada oferece à comunidade Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Atende alunos oriundos da zona urbana, rural e periferia, bem como das mais diversas classes econômicas. É a única escola de Ensino Médio do município.

⁴ Para entendermos do que tratamos basta prestar atenção nos dados apresentados no decorrer do trabalho.

A escola encontra múltiplas dificuldades, entre as quais, de conhecer a realidade do aluno e trazer os pais para a escola. O uso do livro didático no dia a dia é comum e as aulas dadas ainda se restringem à sistematização de conteúdos.

A escola traz em sua filosofia o desejo de implementar um currículo aberto, flexível e democrático, voltado à realidade, capaz de gerar o novo, na construção do conhecimento para uma transformação social, econômica, política, cultural e intelectual, inter-relacionada com a família e a comunidade, formada de pessoas autônomas capazes de produzir, criar e superar os desafios da vida, impondo-se sobre os seus próprios limites.

A Escola visa atender a demanda do público e aos interesses da comunidade local, priorizando a igualdade e a cidadania, valores indispensáveis ao desenvolvimento integral do ser humano para construção de uma educação democrática e popular.

O Ensino Médio é a etapa final da educação básica. É nesta que há necessidades de não apenas mudarem-se rótulos ou “pintar a fachada da escola”, mas buscar, efetivamente referencial teórico para a educação, que possibilite conciliar os acontecimentos acelerados no mundo da ciência, os avanços científicos e tecnológicos e a necessidade permanente da construção e da reconstrução do homem e do mundo.

Avaliação: reflexo do sistema social

Na escola, em geral, a avaliação é feita como medida da capacidade que o aluno tem de devolver o conteúdo dado pelo professor: quanto maior a decoreba e a memorização e o tempo dedicado a isso, maior a nota alcançada. Há quase uma ausência de outro tipo de avaliação. A ênfase é na medida ou classificação.

A avaliação é essencial à educação; inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação. É a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e, acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento.

Exercendo-se a avaliação como uma função classificatória e burocrática, persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação, de parcelarização do conhecimento e de imposição do poder a ser instituído na escola da mesma forma que na sociedade.

Luckesi (1996, p. 34) garante que:

A atual prática da avaliação escolar estipulou como função o ato de avaliar a *classificação* e não o *diagnóstico*, como deveria ser constitutivamente [...] Dessa forma, o ato de avaliar não serve como pausa para pensar a prática e retornar a ela; mas sim como um meio de julgar a prática e torná-la estratificada.

A pedagogia mais essencial é a que procura eliminar as relações autoritárias. O homem moderno está dominado pela força de mitos e ideologias, por isso cada vez mais vem renunciando sua capacidade e sua autonomia. Daí a necessidade de um método de ensino crítico, ativo, de diálogo, de participação, mudança de conteúdos programáticos, com temas e palavras do meio vivenciado, com situações concretas e conhecidas por todos. “Uma educação libertadora posiciona-se, portanto, e converte-se em educação da denúncia de uma realidade desumanizante e do anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais.” (FIORI, 1979, apud FREIRE, 1987, p. 100).

A escola nasceu da própria necessidade do processo social à medida que este se tornou mais complexo. A escola cresceu e ganhou novas estruturas à medida que as sociedades também foram gerando novas necessidades. Cada época histórica, cada grupo humano, fez da escola uma instância entre outras, de mediação de sua concepção de mundo, deram sentido a ação educativa em geral e em particular a educação escolar.

Acontecerá uma educação verdadeira quando houver maior integração dentro da escola em torno de um mesmo objetivo; que além dos conteúdos prepare o aluno para a vida, integrando assim a escola com a família, e juntas, dividam as responsabilidades com a educação. Por isso propõe-se a cada escola elaborar e executar sua proposta pedagógica e nesta proposta organizar o papel do trabalhador em educação como sujeito político e, a prática educacional como um processo de relação, onde o professor e o aluno tem que “aprender a aprender”, sendo o professor facilitador e dinamizador do processo e a escola o local onde se concretizam as questões mais utópicas.

Concepção de avaliação à luz dos teóricos

Ao revisitar a literatura constata-se que são muitas as concepções de avaliação. Cada teórico tem se encarregado de construir uma. Tyler (1977) apud Saul (1994) diz que o processo de avaliação consiste essencialmente em determinar se os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino. No entanto, como os objetivos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos – em outras palavras, como os objetivos visados consistem em produzir certas modificações desejáveis

nos padrões de comportamento do estudante – a avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças do comportamento estão realmente ocorrendo.

A educação é um processo que visa modificar a conduta dos estudantes: essas mudanças constituem os objetivos da educação. Assim, muitos autores vêem a avaliação como um processo determinante dos objetivos da educação.

Para Fleming (1966) apud Saul (1994), a avaliação torna possível a alguém descrever ou resumir padrões de desenvolvimento num determinado tempo. Quando se reflete o processo de avaliação, imediatamente conceitua-se o mesmo como um meio de trabalho, como um meio de pensamento, como uma norma de constante auto-interrogatório: que venho eu tentando obter e como vou indo a respeito? Envolve a determinação de meios de reunir evidências, a fim de verificar se as mudanças previstas ocorreram realmente.

Luckesi (1996, p. 33) diz que:

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. [...] a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão.

A avaliação baseada em normas e em critérios é assim concebida por Popham (1976) apud Diniz (1982, p. 02):

Os esquemas da mensuração baseados em normas são feitos para determinar o status de um indivíduo com relação a outros indivíduos que foram medidos pelo mesmo esquema. Os esquemas de mensuração baseados em critérios são feitos para determinar o status de um indivíduo com relação a algum critério ou padrão de desempenho.

Para este autor, avaliar por normas e critérios torna a avaliação menos temida e ameaçadora, trazendo assim êxito ao processo de ensino e aprendizagem.

Vasconcellos (1995, p. 45) afirma:

A avaliação escolar, é antes de tudo, uma questão política, ou seja, está relacionada ao poder, aos objetivos, às finalidades, aos interesses que estão em jogo no trabalho educativo: numa sociedade de classes, não há espaço para a neutralidade: posicionar-se como neutro, diante dos interesses conflitantes, é estar a favor da classe dominante, que não quer que outros interesses prevaleçam sobre os seus.

Para Mèndez (2001, p. 15), a avaliação deve ser entendida como atividade crítica da aprendizagem, porque se assume que a avaliação é aprendizagem no sentido de que por meio dela adquirimos conhecimento. O autor afirma ainda:

A avaliação é uma excelente oportunidade para que quem aprende ponha em prática seus conhecimentos e sinta a necessidade de defender suas idéias, suas razões, seus saberes. Também deve ser o momento no qual, além das aquisições, aflore, as dúvidas, as inseguranças, o desconhecimento, se realmente há intenção de superá-los.

Zabala (1998) diz que a avaliação erroneamente é considerada como instrumento sancionador e qualificador, em que o sujeito da avaliação é o aluno e somente o aluno, e o objeto da avaliação são as aprendizagens realizadas segundo certos objetivos mínimos para todos. Nessa afirmação observa-se a crítica sobre a forma avaliativa das escolas, onde o que vale é o momento da testagem, não globalizando o conhecimento adquirido pelo aluno. Para esse autor o objetivo do ensino não deve centrar sua atenção em certos parâmetros finalistas para todos, mas nas possibilidades pessoais de cada um dos alunos.

Esteban (2000) diz que a avaliação sempre foi uma atividade de controle que visava selecionar e, portanto, incluir alguns e excluir outros; é recente a denominação “avaliação” a uma prática por muito tempo chamada “exame” .

Por isso a escola não pode continuar trabalhando com verdades absolutas, prontas e acabadas, inclusive no que diz respeito ao tema avaliação. Precisa investigar, indagar, avaliar a todo instante a seu labor, sua ação educativa e, neste sentido, não se pode esquecer de que a avaliação é um processo que “[...] não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e”, conseqüentemente “de educação”, que possa ser “traduzido em prática pedagógica.” (LUCKESI, 1996, p. 28).

A avaliação sempre implica julgamento e isso, quando negativo, acarreta muitas vezes prejuízos irreversíveis à vida do indivíduo avaliado. Avaliação é um processo contínuo, subjacente a todo bom ensino e aprendizagem, podendo ser definida como um processo sistemático que determina a extensão na qual os objetivos educacionais foram alcançados pelos alunos. Há dois aspectos importantes nessa definição. Primeiro, note-se que a avaliação implica um processo sistemático, o qual omite observações casuais, não-controladas a respeito dos alunos. Segundo, avaliação sempre pressupõe que objetivos educacionais sejam previamente identificados. Sem a determinação prévia dos objetivos, é impossível julgar a extensão do progresso. A avaliação inclui julgamento de valor quanto à desejabilidade do comportamento do aluno.

Os dados da pesquisa e sua abordagem

Nesta parte do texto serão apresentados e analisadas, os dados⁵ da pesquisa realizada com alunos, pais e professores sobre a reprovação na 1ª série do Ensino Médio na escola objeto da pesquisa.

Em relação aos alunos

Os alunos do turno da manhã são em sua maioria oriundos do centro e bairros da cidade, com condição sócio-econômica mais estável, com pais que trabalham e têm uma vida social ativa. Já os alunos do turno da noite, são em sua maioria jovens trabalhadores, vindos de famílias com poucas condições financeiras e que trabalham durante o dia inteiro para seu próprio sustento ou para ajudar a família.

Na análise dos dados e percentuais, pode-se concluir que as dificuldades que estas duas categorias de alunos sofrem se dá, ou pela falta de tempo dos mesmos para estudar ou pelo pouco tempo dos pais em acompanhar os filhos devido a vida agitada do trabalho e da cidade, ou pelo cansaço que o trabalho proporciona, vindo a prejudicar o desempenho no estudo.

Os alunos do turno da tarde são, em sua maioria, vindos do interior do município, talvez pelo estilo de vida que levam e pela convivência mais calma, estes têm índice menor de reprovação e dificuldades no início do Ensino Médio.

Embora com todas essas considerações, não se pode esquecer que a escola é a única de Ensino Médio do município, abrigando portanto alunos de várias as escolas de Ensino Fundamental, classes sociais e econômicas, e com os mais diversos problemas familiares.

Para se compreender melhor, é bom lembrar que a faixa etária estimada dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, situa-se entre os 13 e 15 anos de idade, sendo uma fase da vida com muitas transformações. A adolescência abre a porta para um mundo novo, que traz consigo importantes e profundas mudanças, não apenas na própria imagem do indivíduo e na maneira de interagir com seus pares e com o resto das pessoas, mas se estende também a novas formas de pensamento. Portanto, a adolescência abre espaço para novos intercâmbios ou interações sociais, gerando conflitos e despertando para outros aspectos importantes na formação e desenvolvimento integral, tanto físico como intelectual, do adolescente. Os

⁵ Foram entrevistados 25 pais, 35 alunos e 15 professores, os dados estão demonstrados com tabelas e dados ao longo do texto; além de um levantamento do próprio colégio nos últimos cinco anos sobre a reprovação na 1ª série do Ensino Médio, as disciplinas que mais reprovam, as queixas dos alunos e professores e o que os pais pensam sobre a maneira como a educação de seus filhos é conduzida.

adolescentes estão no desabrochar de suas vidas, a grande maioria, quer e busca um estilo de vida voltado ao futuro, com vistas ao estudo, às amizades e ao trabalho.

Verificando os dados extraídos da documentação da escola, vê-se uma enorme quantidade de alunos que reprovaram no 1º ano do Ensino Médio. Os maiores índices estão nas disciplinas de Matemática, Física e Língua Portuguesa. Na pesquisa analisou-se os dados dos anos de 1997 até 2001. As tabelas dos anos de 2000 e 2001 são exemplos do que tem ocorrido na escola:

Tabelas nº 1 – Alunos reprovados na 1ª série do ensino médio no ano de 2000

Turmas	Nº alunos reprovados	Língua Portuguesa	Matemática	História	Geografia	Física	Biologia	Educação Física	Ed. Artística	Ensino Religioso	Psicologia	Filosofia
11 – Manhã	8	4	7	1	1	4	1	1	-	-	2	1
12 – Manhã	15	12	14	4	2	14	7	3	-	1	6	3
13 – Manhã	7	5	5	-	-	5	-	-	-	-	2	-
14 – Tarde	7	2	6	2	2	6	2	-	-	-	2	-
15 – Tarde	8	8	7	1	4	4	7	-	-	-	4	1
16 – Tarde	6	2	4	2	1	4	2	-	-	-	1	1
17 – Tarde	5	1	5	1	1	3	2	-	1	-	3	-
18 – Noite	11	7	7	4	4	10	8	-	1	2	5	2
19 – Noite	11	6	10	4	3	8	8	-	1	1	5	2
TOTAL	78	47	65	18	18	58	37	4	3	4	30	10

Fonte: Escola pesquisada

Tabelas nº 2 – Alunos reprovados na 1ª série do ensino médio no ano de 2001

Turmas	Nº alunos reprovados	Língua Portuguesa	Matemática	História	Geografia	Física	Biologia	Educação Física	Ed. Artística	Ensino Religioso	Psicologia	Filosofia
11 – Manhã	3	2	3	2	1	3	2	1	1	1	1	1
12 – Manhã	11	6	9	4	-	10	8	-	-	-	1	-
13 – Manhã	14	10	12	2	1	14	12	1	1	1	3	2
14 – Manhã	15	13	11	6	3	11	9	3	3	3	7	3
15 – Tarde	7	5	6	2	2	4	4	1	1	1	3	1
16 – Tarde	5	3	3	1	1	4	2	1	1	1	3	1
17 – Tarde	11	4	9	2	2	8	2	-	-	-	10	-
18 – Noite	14	-	5	2	-	7	5	-	1	-	5	-
TOTAL	80	43	58	21	10	61	44	7	8	7	33	8

Fonte: Escola pesquisada

Dentre os alunos entrevistados o número de membros da família fica na faixa de 4 a 5 pessoas. Isso demonstra que a família com maior número de filho torna-se mais complexa quando necessita da atenção dos pais, como também do aspecto financeiros que se torna escasso.

Os registros revelam, com relação ao horário de estudo em casa, que uma boa parcela dos alunos estuda; isto é, que as necessidades de estudos são sistemáticas, embora igual percentual estudam quando podem.

Tabela nº 3 – Horário de estudo em casa

Estuda em casa	40%
Não estuda em casa	10%
Só no final de semana	10%
Conforme dá	40%

Com essas afirmações observa-se uma equivalência entre o estudo e o tempo. Os alunos que não têm tempo de estudar, em sua grande maioria, estão na categoria dos trabalhadores. Quanto ao trabalho, tem-se:

Tabela nº 4 – Horário em que estuda X Trabalho

Alunos que estudam de manhã	15% trabalham
Alunos que estudam à tarde	30% trabalham
Alunos que estudam à noite	40% trabalham

A concentração maior de alunos que trabalham está no turno da tarde e noite, que são alunos com menos recursos e tempo para estudo. Os alunos da manhã são em sua maioria do centro da cidade, com melhores condições financeiras, e os da tarde são do interior, trabalhando geralmente na lavoura com seus pais.

É possível ainda verificar que grande parte deste descaso diz respeito a falta de material didático para estudar em casa:

Tabela nº 5 – Posse de Livros

Não tem livros	30%
Só os do colégio	40%
Vários livros	30%

Este é um problema que atinge muitas famílias e escolas: a falta de recursos para compra de material ou instrumentos para o estudo. A escola tem uma biblioteca que empresta livros para que os alunos realizem pesquisas e façam estudos extra-classe. Há também uma biblioteca municipal que procede da mesma forma, sendo fonte importante de estudo. No entanto, nas duas bibliotecas o acervo não é dos melhores. Poucas são as obras recentes não há muitas opções de revistas. O acesso à internet é precário.

Os índices de reprovação mostrados anteriormente são altos. Representam um percentual de 23 % do total de alunos que freqüentam o Ensino Médio no ano de 2000 e 24 % no ano de 2001. Fazendo-se uma média das reprovações nos anos de 1997 a 2001 foi constatado que 40% dos alunos acabam ficando em matemática, 40% em Física, 10% em Português e 10% em outras disciplinas. Há que se lembrar que muitos alunos reprovam em mais de uma disciplina, permitindo outras interpretações dos números.

Constatou-se também que as disciplinas que os alunos dizem encontrar mais dificuldades são aquelas que apresentam maior percentual de reprovação: Matemática e Física.

Foi também perguntado sobre o que o aluno pensa sobre a escola, para que ela serve:

Tabela nº 6 – Para que serve a escola

Para aprender e passar de ano	60%
Para passar	20%
Para aprender	20%

Desmotivação e desinteresse em relação ao estudo também são evidenciados. Nota-se uma certa “desconexão” entre o aluno e a escola. Inúmeros fatores são apontado como causas do desinteresse pelo estudo, tais como o autoritarismo docente, falta de objetivos específicos da escola, desmotivação para o estudo, pouco empenho de professores e famílias, falta de perspectivas futuras, entre outros.

Quanto à maneira como o aluno é avaliado, perguntou-se se ele acha correta a forma de avaliação: 60% acham que não e 40% concordam com a forma como são avaliados. Utilizando-se somente do resultado das provas, os professores ocultam o real valor da avaliação.

Poucos são os professores que levam em conta a totalidade das ações, atitudes e conhecimentos dos alunos. E a escola, muitas vezes, deixa seus princípios, normas e diretrizes avaliativas apenas no papel.

Na tabela abaixo estão listadas as respostas dos alunos quanto ao como gostariam de ser avaliados.

Tabela nº 7 – Como o aluno gostaria de ser avaliado

No geral (provas, trabalhos, pesquisas, etc.)	60%
Como está sendo feita hoje	20%
Não sabem como deveria ser a avaliação	20%

Foi questionado: e se não houvesse provas o que faria o educando estudar? 40% estudariam independentemente de provas, 40% não teriam maior interesse pelo estudo e 20% esperam por algum tipo de motivação que os levasse a estudar. Os percentuais dos que não estudariam leva a pensar na necessidade de uma cobrança maior por parte da escola ou que se repense o processo educativo.

A pesquisa também revelou que grande parte dos alunos solicita explicações em sala de aula para o professor, e boa parte fica com dúvidas.

Tabela nº 8 – Pede explicação ao professor

Solicita nova explicação	50%
Solicita às vezes	40%
Não pede nova explicação	10%

Os dados acima demonstram que grande parte dos alunos vai para casa com dificuldades de aprendizagem. Não desenvolvendo um bom relacionamento com professor para solicitar-lhe nova explicação. Observa-se que os alunos também não têm noção exata do que é a avaliação. Nota-se que eles gostam de ser avaliados com provas, numa maneira mecânica, sem que o professor possa se aprofundar mais no conhecimento individual de cada um, não interferindo em seu andamento escolar.

Também se pode concluir que os alunos necessitam de um acompanhamento mais efetivo do professor. Observa-se que há um certo distanciamento do aluno com relação à explicação, o que gera muitos prejuízos a sua aprendizagem. A mentalidade de que é na sala de aula que devemos dirimir dúvidas e possíveis dificuldades de aprendizagem deve ser construída tanto pelo aluno, como pelo professor.

Sobre os pais dos alunos

Os pais são fundamentais na boa formação e desenvolvimento dos filhos. Eles têm papel de incentivadores e motivadores educacionais, mostrando os caminhos e desencontros da vida e aconselhando os adolescentes sobre os desafios e as necessidades da vida adulta.

Foram feitas perguntas aos pais, uma delas foi: “O que é avaliação para você?” 50% dos entrevistados responderam que a avaliação é o trabalho realizado durante todo momento com o aluno, isto é, em todos os sentidos; por outro lado 15% não tem maior conhecimento sobre avaliação, 10% deixam para a escola avaliar. Percebeu-se que uma grande parte dos

pais sabe o que é avaliar. Constatou-se também que muitos pais acham que seus filhos não deveriam ser avaliados somente pela prova, mas pela participação, comportamento, educação e assiduidade.

Nesta resposta nota-se que a avaliação precisa ser realmente repensada, sendo estruturada para a promoção do aluno e para seu desenvolvimento e não apenas para constar em seu histórico escolar.

Há, também, uma certa discordância com o tipo de avaliação que a escola realiza, sendo que 20% concorda e 40% não concorda, porque a avaliação acaba sempre em torno da nota da prova; o restante concorda em parte, pois dizem que os professores esquecem dos detalhes.

Em relação ao nível de acompanhamento dos pais com o estudo dos filhos, temos:

Tabela nº 9 – Acompanhamento dos pais

Acompanham	55%
Não acompanham	30%
Acompanham às vezes	20%

Muito embora os adolescentes sejam mais independentes do que as crianças do Ensino Fundamental, o ambiente doméstico influencia seus desempenhos na escola. É muito visível que os pais de adolescentes com bom desempenho escolar arranjam tempo para conversar com eles e sabem o que está acontecendo em suas vidas. A vida em família é muito importante para a formação da personalidade e do caráter do adolescente, pois eles evoluirão sabendo que podem contar com a ajuda dos pais a qualquer momento.

Apesar disso, é muito restrita a participação dos pais com na vida escolar de seus filhos e com o próprio funcionamento e estruturação da escola. Na questão referente ao regimento da escola, foi perguntado se os pais o conheciam:

Tabela nº 10 – Conhecimento do Regimento da escola

Sim	50%
Não	30%
Mais ou menos	20%

Hoje, a família deixou para a escola a responsabilidade com a educação e formação de seus filhos e isso ocorre desde as primeiras séries do Ensino Fundamental. A partir do Ensino

Médio, a família parece “esquecer” quase que totalmente do futuro dos adolescentes, e pouquíssimas vezes atua e participa da vida do “filho-aluno” e das atividades da escola.

Sobre os Professores

Os professores responderam voluntariamente, por escrito, o questionário, sendo que alguns não responderam, justificando falta de tempo, isto é, não quiseram envolvimento. Com isto é possível observar que, por parte de alguns docentes, há pouco comprometimento com a avaliação do aluno. Isso prejudica todo o processo pedagógico e, conseqüentemente, recai sobre o aluno grande parte desses prejuízos.

Foram feitas várias questões, começando por: o maior problema enfrentado pelo professor na sala de aula? A resposta de maior incidência foi a falta de base do aluno, seguida de turmas heterogêneas, desinteresse e desmotivação.

Foi perguntado de que forma o professor avalia seu aluno. Todos responderam que avaliam pelo interesse, assiduidade, desenvolvimento e progresso. Quanto a questão se todos procuram se avaliar, todos responderam que sim. Com relação à escola, se ela poderia existir sem avaliação, também os professores foram firmes ao afirmar que não, não existe educação sem avaliação.

Nota-se que o professor também necessita de uma formação continuada e de novas metodologias avaliativas para poder compor um ensino voltado aos alunos, às suas potencialidades, às suas vontades e, especialmente, que se comprometa com a formação integral, não excluindo, nem discriminando a falta de competências e habilidades dos alunos.

Foi questionado sobre qual o papel da avaliação no processo de ensino-aprendizagem. Os professores afirmam que é possível acompanhar o progresso do aluno através da avaliação, no entanto, ela nem sempre mostra o que o aluno aprendeu.

Em relação ao Projeto Político-Pedagógico, sua necessidade e implementação, o que muda no cotidiano da escola. Foram colocadas as seguintes considerações: é um processo de decisão na escola e serve para melhor organizar estruturalmente a escola, considerando o aluno como um todo.

Indagou-se os professores sobre o “avaliar para quê?”: todos responderam que avalia-se para aumentar o conhecimento em relação ao aluno e que ao avaliar consideram o aluno na sua totalidade, como um todo.

CONCLUSÃO

A maneira como os professores avaliam as aprendizagens dos alunos condiciona notavelmente a possibilidade de oferecer-lhes um ensino que respeite e atenda às suas diferentes características e necessidades educativas. Para isso faz-se necessário o uso de uma avaliação inclusiva que priorize a função pedagógica da avaliação, ou seja, a utilização da avaliação para melhorar as atividades de ensino e de aprendizagem em relação à sua função social, isto é, a sua utilização para declarar publicamente o nível das aprendizagens realizadas pelos alunos. Portanto, uma avaliação inclusiva vincula estreitamente, a avaliação da aprendizagem dos alunos à avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem.

Uma avaliação inclusiva é caracterizada por evitar que a avaliação valorativa seja utilizada exclusivamente com uma função social e de controle externo do rendimento do aluno, recuperando, ao contrário, a sua função pedagógica. Outro aspecto importante caracterizado pela avaliação inclusiva é o fato de que as decisões de ordem social (habilitação, aprovação, titulação), que são tomadas a partir dos resultados da avaliação, mantém a maior coerência possível com a função predominantemente pedagógica que essa avaliação deve cumprir. Isso pressupõe que essas decisões sejam tomadas a partir de um processo de coleta de informação e de critérios de avaliação coerentes com os princípios do ensino adaptativo.

Vive-se em uma sociedade que exclui todos aqueles que estão fora do dito padrão ideal. Por isso, a discussão da “avaliação inclusiva” é muito ampla e talvez precisa ser pensada numa perspectiva de “educação para todos”. De nada adiantará acrescentar uma nova pintura de fachada na escola que se quer reformar ou reformular, se não há disposição para a árdua, mas importantíssima, tarefa de examinar e reconstruir seus alicerces, ou seja, remodelar as bases sobre as quais a escola atual está assentada.

De pouco nos adianta um arsenal tecnológico, se continuar-se-á a reproduzir a exclusão nas relações cotidianas. Por mais que a humanidade tenha evoluído a discriminação continua marcando presença. A escola, por sua função essencialmente humanizadora não pode ser conivente com isto e precisa redobrar esforços para não deixar florescer tal prática, necessita lançar-se de corpo e alma à tarefa de inclusão.

A escola estudada não foge à regra. Ela sofre os embates da realidade mais ampla. O estudo feito trouxe elementos que permitem uma reflexão mais séria sobre o papel da escola, dos educadores em relação à avaliação. Ficam alguns desafios:

- desenvolver com os alunos um novo método de comprometimento com sua educação, voltando-os à realidade e para dentro da escola;
- chamar os pais para a escola, discutindo as competências que devem ser cumpridas com relação a educação dos filhos;
- criar na escola um ambiente propício à inclusão, dando aos professores subsídios que permitam a eles o aprimoramento de sua prática e da sua visão com relação aos educandos;
- modificar a estratégia avaliativa da escola, propondo, em consonância com todos os segmentos da comunidade escolar, um compromisso inclusivo voltado à totalidade do aluno.

Há um convite, para que cada educador e sociedade como um todo, sejam convocados a sair da avaliação tradicional, olhando para o alto e se preparando para a renovação com uma nova forma de avaliar. A inclusão está intrinsecamente relacionada à qualidade de ensino e à abertura da escola para todas os alunos. A avaliação inclusiva percebe a heterogeneidade como possibilidade de enriquecimento do grupo e possibilita um ambiente escolar propício ao saber e ao conhecimento, dando oportunidades amplas de evolução dos saberes de cada aluno e objetivando sua percepção como ser humano histórico e inserido no contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (org.). **Avaliação e Erro Construtivo Libertador**: uma teoria, prática includente em educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- DINIZ, T. **Sistema de avaliação e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982.
- ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre a avaliação e o fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

MENDEZ, Juan M. Alvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

REVISTA PÁTIO. Ano 3. nº 12, fev./mar. 2000.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória**: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: Cortez, 1994.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.